

CARACTERÍSTICAS DOS PRÉDIOS DO PRIMEIRO ROTEIRO CULTURAL EM PELOTAS

CARATTERISTICHE DEGLI EDIFICI DEL PRIMO TOUR CULTURALE A PELOTAS.

Karen Majuriê da Silva

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo/UFPEL
karenmajurie14@gmail.com

Franciele Fraga Pereira

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo/UFPEL
franfragap@gmail.com

Ana Lúcia Costa de Oliveira

Doutora em Planejamento Urbano e Regional /UFPEL
lucostoli@gmail.com

RESUMO

Apesar da promulgação da Lei n. 2708/82 de tombamento e da criação do Comphic, só havia como medida de preservação da arquitetura eclética de Pelotas, o tombamento, no final dos anos 70, pelo IPHAN do conjunto das três casas 2, 6 e 8. Preocupados com as perdas que a cidade estava tendo, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e o Instituto de Letras e Artes inauguraram em junho de 1991 o projeto intitulado “Passeio Cultural”. Posteriormente o projeto recebeu o nome de “Roteiro Cultural” e tinha como principal objetivo disponibilizar aos estudantes dos 1º e 2º graus de Pelotas a oportunidade de visitar museus e exposições de arte e ter maior acesso ao conhecimento da história local, como forma de despertar o senso crítico, a cidadania e desenvolver o engajamento com a preservação do patrimônio e a apropriação com os bens materiais da cidade. O roteiro contava a história de Pelotas a partir de três regiões representativas para a formação e desenvolvimento da cidade, sendo elas: a região do Arroio Pelotas; o centro histórico; e a região do Porto. Este trabalho tem enfoque na região do centro histórico abordada pelo roteiro, se detendo nos prédios do final do Séc. XIX e início do Séc. XX e que fizeram parte do roteiro cultural, fazendo um levantamento das principais características arquitetônicas e artísticas presentes nessas obras de forma a salientar a importância desses bens enquanto parte formadora do desenvolvimento do município.

Palavras-chave: Roteiro Cultural. Arquitetura. Pelotas.

ABSTRACT/RESUMEN

Nonostante la promulgazione della legge n. 2708/82 e la creazione del Comphic, l'unica conservazione dell'architettura eclettica a Pelotas è stata la protezione fatta dell'IPHAN delle tre case 2, 6 e 8 alla fine degli anni '70. Preoccupati per le perdute che la città soffriva, il Museo d'Arte Leopoldo Gotuzzo, la Facoltà di Architettura e Urbanistica e l'Istituto di Lettere e Arti hanno inaugurato nel giugno 1991 il progetto intitolato “Passeggiata Culturale”. In seguito, il progetto ha ricevuto il nome di "Tour Culturale" e il suo obiettivo principale era quello di fornire agli studenti di 1° e 2° grado di Pelotas l'opportunità di visitare musei e mostre d'arte e avere un maggiore accesso alla conoscenza della storia locale, come un modo per risvegliare il senso critico, la cittadinanza e lo sviluppo dell'impegno per la conservazione del patrimonio e l'appropriazione dei beni materiali della città. Il Tour raccontava la storia di Pelotas attraverso tre regioni rappresentative per la formazione e lo sviluppo della città, che sono: la regione dell'Arroio Pelotas; il centro storico; e la regione di Porto. Questo lavoro si concentra sulla regione del centro storico di che tratta il tour, concentrandosi negli edifici al fine del ottocento e all'inizio del novecento e che facevano parte del tour culturale, effettuando un'indagine delle principali caratteristiche architettoniche e artistiche presenti in queste edifici per sottolineare l'importanza di questi beni come facente parte dello sviluppo del comune.

Parole Chiave: Tour culturale. Architettura. Pelotas

Introdução

A cidade de Pelotas está localizada no estado do Rio Grande do Sul, ao sul do Brasil, surge a partir da instalação dos charqueadores às margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo. A primeira charqueada da região foi fundada por volta de 1780, pelo português José Pinto Martins, na então Vila de Rio Grande. Em razão do sucesso desta charqueada, seja pelos métodos empregados seja pela privilegiada localização, muitas outras se estabeleceram na região, em sua maioria, às margens do arroio Pelotas.

As moradias estavam se arranchando em local afastado daquele onde era feita a produção do charque (para se afastar do mau cheiro e da insalubridade que ocorria no entorno dessa produção), dando origem a um povoado com residências e conveniências. Este povoado deu origem ao primeiro loteamento que foi oficializado e elevado à Freguesia de São Francisco de Paula em 1812, estava localizado entre o Arroio Santa Bárbara e o Arroio São Gonçalo. Esse loteamento foi dividido em quadrículas, tendo como limite norte-sul as atuais vias Avenida Bento Gonçalves e Rua General Neto e no sentido leste-oeste as vias Rua Barroso e Rua Marcílio Dias. Em 1830, a Freguesia recebeu sua independência administrativa de Rio Grande quando foi elevada à condição de Vila e cinco anos depois recebeu o título de cidade pela Assembleia Provincial que a nomeou de Pelotas, o nome é dado em razão das embarcações que eram utilizadas para a travessia do Arroio e que era puxadas por pessoas escravizadas.

A cidade teve durante seu desenvolvimento dois importantes ciclos econômicos: a produção saladeril, com o charque, do final do século XVIII até o início do século XX; e posteriormente a produção do arroz, a partir da primeira metade do século XX. A cidade passou por um processo de industrialização entre o final do século XIX e início do século XX com intuito de atender as demandas do mercado nacional. Grande parte das indústrias se instalaram nas zonas de acesso portuário e ferroviário da cidade, às margens do Canal São Gonçalo.

A intensa produção charqueadora na cidade levou a um enriquecimento de seus proprietários, que mandavam seus filhos estudarem na Europa e também passaram a importar de lá a produção artística e arquitetônica para a construção de suas casas e para a modernização da infraestrutura urbana. As casas de alguns charqueadores foram construídas no segundo loteamento da cidade, no entorno da Praça Coronel Pedro Osório. “Para a realização destas construções, antes da abolição da escravatura, era utilizada a mão-de-obra escravizada durante os períodos de entressafra do charque, no inverno” (GUTIERREZ, 2001. p.229).

Os anos compreendidos entre 1870 e 1931, foram marcados por uma série de melhorias e modernizações na infraestrutura de Pelotas o que, juntamente com o crescimento do poder

econômico, possibilitou a vinda de diversos artífices e construtores europeus e também permitiu que houvesse uma utilização desses conhecimentos estrangeiros nas produções arquitetônicas.

No final do século XIX e início do século XX, o ecletismo historicista estava em pleno desenvolvimento nas produções arquitetônicas da Europa, “este estilo reunia as expressões artísticas e construtivas de diversas épocas e civilizações” (SANTOS, 2014. p.19), principalmente as produções gregas e romanas. Durante este período projetos arquitetônicos, ferragens, esculturas e itens decorativos eram encomendados da Europa, “as construções ficavam a cargo da mão de obra escravizada e os acabamentos e itens decorativos eram realizados por profissionais estrangeiros, em sua maioria artífices portugueses, italianos e alemães” (NEUTZLING, 2019. p.17).

As produções arquitetônicas e artísticas realizadas durante o período charqueador estão ainda presentes no meio urbano e no imaginário coletivo da cidade, este trabalho tem por objetivo primário fazer um apanhado a respeito do ecletismo historicista, sua trajetória, características relacionando-as com os exemplares que foram abordados durante a realização do primeiro Roteiro Cultural de Pelotas com o intuito de demonstrar as características ecléticas presentes nessas construções que fizeram parte do início do desenvolvimento da cidade, de modo a evidenciar a importância artística e histórica dessas obras.

O Roteiro Cultural

Em 1982 foi promulgada a Lei de Tombamento nº 2708/82 e do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural-COMPHIC, contudo, apesar de contar com esta lei não havia uma efetividade em prol da preservação dos bens materiais de Pelotas. Como forma de informar e conscientizar a sociedade dessas perdas que a cidade estava tendo, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo-MALG em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-FAURB e o Instituto de Letras e Artes-ILA inauguraram em 21 de junho de 1991 o projeto intitulado “Passeio Cultural”. Inicialmente, o projeto se propôs a atender grupos de visitantes que vinham à cidade. O primeiro passeio atendeu 43 visitantes vindos de Porto Alegre, representavam o Museu de Arte do Rio Grande do Sul-MARGS, a Casa de Cultura Mário Quintana-CCMQ, a Secretária de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul-SEC/RS e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. O segundo passeio ocorreu três meses depois e foi solicitado pelo Dr. Luiz Carlos Falchi, com o intuito de atender aos participantes dos eventos relacionados à medicina que ocorreram na cidade de Pelotas.

Segundo Leitzke (1999), desde 1992 existia essa parceria entre o MALG e a FAURB para a realização do projeto de extensão que em 1995 passou a se chamar “Roteiro Cultural” (RC). O projeto tinha como principal objetivo disponibilizar aos estudantes dos 1º e 2º graus de Pelotas a oportunidade de visitar museus e exposições de arte, conhecimento da história local com intuito de despertar o senso crítico, incentivando a cidadania e desenvolvendo nos participantes o engajamento com a preservação do patrimônio. O RC visava contar para os estudantes a história de Pelotas de forma interativa, reconstruindo os fatos em cenários e locais onde realmente ocorreram.

Essa história era contada tendo como enfoque 3 regiões da cidade de Pelotas. Primeiramente, levou em conta a importância da região do Arroio Pelotas, já que foi a partir daquele local que se deu início à povoação da região, onde ocorriam as produções saladeris e também onde era realizada a exploração de mão-de-obra escravizada, apresentando as charqueadas, os casarios e a configuração urbana espontânea e de traçado irregular que ali se desenvolveu (OLIVEIRA, 1997).

Outra região trabalhada da cidade de Pelotas foi o centro histórico (Figura 1), que apresenta remanescentes arquitetônicos que favoreciam a leitura das diferentes linguagens arquitetônicas, reconhecendo suas camadas temporais e também a sua interação com os prédios contemporâneos, visualizando o estado de conservação e de degradação em que se encontravam estes prédios. É no centro histórico de Pelotas que se pode encontrar exemplares tombados no nível federal pelo IPHAN, como é o caso do Teatro Sete de Abril, Conjunto de casarões no entorno da Praça Coronel Pedro Osório (Casas 2, 6 e 8) e a Caixa D'Água da Praça Piratino de Almeida.

A terceira região trabalhada no RC foi a região do Porto, que apresenta arquitetura de tipologia fabril, com grandes armazéns e conjuntos residenciais operários, a região se formou em razão da necessidade de escoamento da produção e do crescimento da cidade em direção ao canal São Gonçalo (OLIVEIRA, 1997).

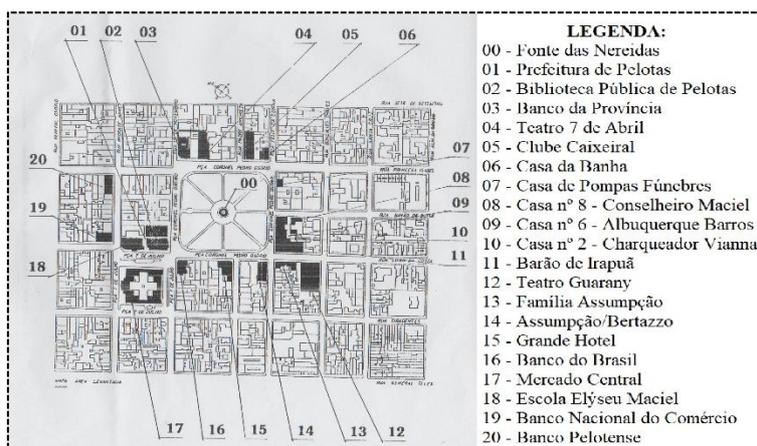


Figura 1: Mapa Roteiro Cultural. Fonte: Acervo Neab, 2019.

Inicialmente, o RC acontecia com a disponibilização de ônibus pela Universidade Federal de Pelotas-UFPEL. Por motivo das dificuldades encontradas com relação à locomoção não foi possível trabalhar com as escolas de periferia, que era o objetivo do MALG e acabaram trabalhando, principalmente, com escolas localizadas no entorno da Praça Coronel Pedro Osório ou do MALG que era situado na rua Félix da Cunha. Quando, da indisponibilidade de ônibus os percursos eram realizados a pé e mesmo enfrentando diversas dificuldades de locomoção o projeto permaneceu ativo. Foi a partir de 1998, após a realização de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação-SMED, o RC passou a ser direcionado somente aos estudantes da 3ª série da rede municipal de ensino pelotense. Eram realizados dois encontros semanais para a realização do RC, estes contavam com a monitoria de alunos da FAURB e do ILA (LEITZKE, 1999). A faixa etária trabalhada foi escolhida em razão da convergência existente entre o conteúdo programático definido através do Plano Nacional Curricular instituído pela LDB nº 9394/96, e o que era trabalhado no RC, pois era nessa série que as crianças estudavam a história da cidade. Com o fornecimento de ônibus pela SMED era possível realizar o RC, buscando os alunos participantes nas escolas e levando-os aos destinos programados.

Atualmente, o RC não é mais realizado na cidade de Pelotas, porém segundo relatos informais da servidora do MALG, Consuelo Sinotti, da professora Cristina Leitzke (ex-servidora do MALG) e da professora da FAURB, Ana Oliveira, houve resultados satisfatórios com a realização do projeto, foi um período em que foi possível aprofundar o relacionamento entre os estudantes e a história da cidade e seus bens, desenvolvendo o senso de preservação patrimonial nos participante, potencializando as interrelações entre a FAURB, ILA e MALG.

O Eclétismo Historicista em Pelotas

Entre o final do século XIX e início do século XX, a arquitetura vivia um período denominado de eclético, e isto significava que “as produções arquitetônicas buscavam retomar, através de suas formas e ornamentos, diferentes tipos de elementos comuns as produções do passado” (SANTOS, 2014. p. 15). Este modelo arquitetônico misturava diversos tipos de elementos da arquitetura clássica grega, do renascentismo, das construções romanas, dentre outros. Santos (2014. p. 19) “refere-se aos construtores ecléticos como historicistas ao salientar que eles buscavam em referências do passado, de diversos momentos históricos, suas soluções projetuais, se inspirando e criando a partir dessas referências”.

Posterior à Revolução Farroupilha (1845), que o eclétismo historicista passa a fazer parte das produções arquitetônicas no Rio Grande do Sul. Pelotas está dentre as cidades que produziram diversos exemplares deste período artístico. A partir de 1870, que aconteceu o início dessa produção arquitetônica e conforme Gutierrez (2001. p.229) “esta foi possível em razão do enriquecimento dos charqueadores e disponibilização da mão de obra escravizada que era utilizada nessas construções”.

Entre 1870 e 1931, Pelotas teve seu apogeu econômico, a cidade passou por diversos melhoramentos, provenientes da industrialização e do urbanismo, que foram feitos. “Dentre eles, melhorias na infraestrutura das canalizações de água, nas redes de esgotos, na iluminação pública e privada. Ruas e avenidas receberam pavimentação, além da arborização das praças” (SANTOS, 2014. p.21).

“As melhorias realizadas nos meios de acesso à cidade e as modernizações nos meios de comunicação, favoreceram a vinda de diversos imigrantes, principalmente italianos” (SANTOS, 2014. p.21), e foram eles os responsáveis por difundir o eclétismo historicista na cidade através de seus projetos.

Em sua dissertação, Mauro Bohm (2015. p. 70.) “expõe que no Brasil, diferente que na Europa, o eclétismo se manifesta a partir de diversas tendências, sem seguir necessariamente uma sistematização e em alguns momentos de forma contraditória”.

Segundo Santos (2014. p.23), “o eclétismo historicista em Pelotas pode ser definido entre dois momentos distintos: a consolidação do estilo, entre os anos 1870 e 1889; e o desenvolvimento do estilo, entre os anos 1890 e 1931”.

A consolidação ocorre ainda durante o domínio imperial, momentos este em que os produtores de charque e comerciantes enriquecem, são reconhecidos pela coroa e originam a elite pelotense, durante este primeiro período alguns prédios são construídos e estes apresentam

horizontalidade marcada, apresentam fachadas simétricas, com ornamentação profusamente trabalhada e sendo coroadas por frontões ou platibandas vazadas e trabalhadas.



Figura 2: Prefeitura de Pelotas, construído em 1880. Fonte: Autor, 2019.

A Horizontalidade muitas vezes era marcada com a presença de frisos (Figuras 2, 4 e 8), aparecia também através das fenestrações, as janelas e portas eram encimadas por bandeiras que marcavam o ritmo nas fachadas (Figuras 5, 6 e 7). Posterior a esta primeira fase do ecletismo historicista, alguns prédios passaram por reformas que alteravam o seu volume para se adequar a algumas características, como foi o caso do Mercado Público (Figura 3), que ganhou torreões nas esquinas e uma ornamentação central que fornecia maior verticalidade ao prédio de modo a quebrar com a horizontalidade marcada no prédio. Isso ocorre também na Biblioteca Pública de Pelotas (Figura 4) que ganhou um segundo pavimento.



Figura 3: Mercado Central, construído em 1847/reforma em 1911. Fonte: Autor, 2019.



Figura 4: Biblioteca Pública de Pelotas, construído em 1878. Fonte: Autor, 2019.

A simetria do eixo ocorre verticalmente de forma muito marcada na maior parte das obras, enfatizando geralmente o centro da edificação, este ponto além de marcar o acesso costuma apresentar um detalhe mais marcante na platibanda, apresentando uma ornamentação maior e mais sobressalente ao volume do coroamento (o frontão). Exemplos dessas simetrias de eixo podem ser percebidos nas Figuras 5 e 8, no caso da Casa 06 (Figura 6) é possível perceber a presença mais proeminente de três simetrias de eixo, os dois volumes mais a frente possuem um eixo de simetria unitário, enquanto que o volume geral apresenta um eixo central recuado e encimado por um frontão triangular, formando um jardim no acesso à casa. Conforme Reis Filho (2000, p.44.) “as implantações das construções no ecletismo começam a se desprender dos limites e começam a aparecer os recuos frontais e laterais”.



Figura 5: Casa nº 8, construída em 187. Fonte: Autor, 2019.



Figura 6: Casa nº 6, construída em 1879. Fonte: Autor, 2019.

As ornamentações eram amplamente trabalhadas, apresentando elementos e signos da mitologia greco-romana. “Essas ornamentações evidenciavam a sobrepujança econômica da elite” (SANTOS, 2014. p.25.), era uma forma de demonstrar o quão poderoso e possuidor de posses uma família era. Também visava mostrar o desenvolvimento cultural e artístico da sociedade.

A Casa da Família Assumpção (Figura 7) é um exemplo de edificação com este trabalho de ornamentação abundante, possuindo ornatos em estuque em todas as fenestrações, além de apresentar também parapeitos com formas em ferro muito detalhadas nos balcões, peças essas que eram importadas da Europa.



Figura 7: Casa da Família Assumpção, construída em 1887. Fonte: Autor, 2019.



Figura 8: Escola Elyseu Maciel, atual sede do MALG, construído em 1881. Fonte: Autor, 2019.

Para se adequar às novas tendências “modernas” da época, algumas residências foram alteradas, como é o caso da Casa nº 2 (Figura 9), que inicialmente foi construída como uma casa em estilo luso-brasileira (sem porão) e posteriormente recebe um segundo pavimento, um mirante e uma ornamentação mais rebuscada e coroamento por platibanda, diferente do que era feito nas casas luso, com beiral e mais sóbria em sua ornamentação.



Figura 9: Casa nº 2, construído em 1830/ reformado em 1880. Fonte: Autor, 2019.

Em um segundo momento, “entre os anos de 1890 e 1931, a partir da abolição da escravidão, o ecletismo historicista apresenta sua fase de desenvolvimento” (SANTOS, 2014, p.28.). A cidade passa a se industrializar, novas classes sociais se formam, os comerciantes, funcionários públicos, banqueiros, entre outros. “A produção arquitetônica eclética sofre algumas alterações, os ornamentos rebuscados de origem greco-romana são substituídos por ornatos em referência à República, as simetrias de eixos e as esculturas clássicas são deixados de lado” (SANTOS, 2014, p. 29.). As platibandas começam a ser menos vazadas e mais cegas, com ornamentos mais geometrizados com elementos de arte Decô.



Figura 10: Banco da Província, atual Banco Itaú, construído em 1926. Fonte: Autor, 2019.



Figura 11: Grande Hotel, construído em 1925. Fonte: Autor, 2019.



Figura 12: Banco do Brasil, construído em 1926. Fonte: Autor, 2019.



Figura 13: Banco Nacional do Comércio, atual Centro de Integração do Mercosul, inaugurado em 1915.
Fonte: Autor, 2019.

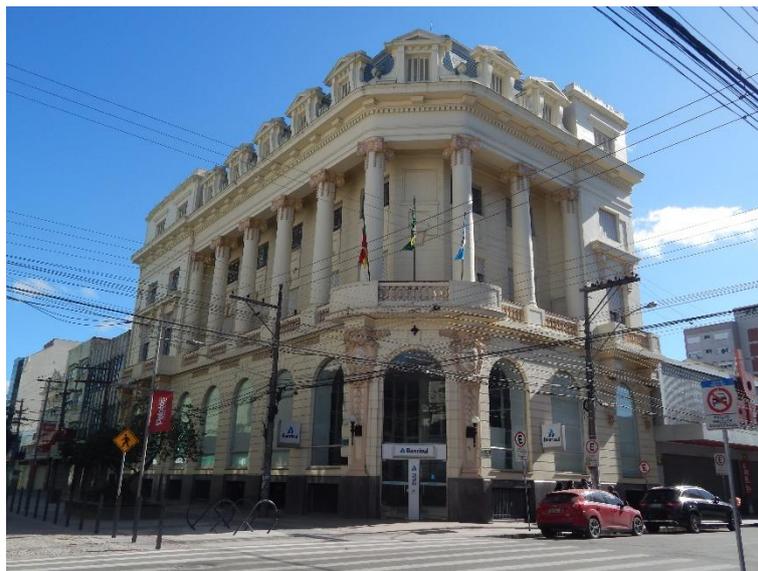


Figura 14: Banco Pelotense, atual sede do Bannisul, construído em 1916. Fonte: Autor, 2019.

As tendências artísticas trazidas pelos imigrantes se tornam mais presentes nas ornamentações das fachadas. Nos edifícios bancários (Figuras 10, 12, 13 e 14) e também no Grande Hotel (Figura 12) “é possível perceber a forte influência francesa com a presença das mansardas e dos acessos pelas esquinas, encimados por torreões cilíndricos ou chanfrados, típicas das construções *haussmannianas* de Paris” (SANTOS, 2014. p. 33.),

Considerações Finais

Em razão do amplo crescimento econômico que a cidade de Pelotas teve entre os anos 1870 e 1930, houve também um crescimento e desenvolvimento da cidade enquanto malha urbana. Com as melhorias dos acessos, a cidade pode exportar mais e conseqüentemente importar mais, o que possibilitou a vinda de diversos artífices e construtores e também facilitou o comércio de peças decorativas importadas.

Os prédios abordados no primeiro Roteiro Cultural, alguns deles relacionados neste artigo, são construções do período eclético historicista, refletem além da riqueza artística da época, a riqueza econômica da região e são exemplares que contam sobre um período de grande desenvolvimento, mas também de um período de sobrepujança, de escravidão e marcado por muitas mudanças políticas.

REFERÊNCIAS

BOHM, Mauro Fernando Normberg. **Ecletismos e a construção da cidade contemporânea: um olhar sobre o Historicismo na arquitetura em Pelotas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1OxVFSQjbj_2VRoKzuFN5xqx_PEBsqLlf/view> Acesso em: 15 out. 2019.

GUTIERREZ, Ester Judith Bendjoya. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

LEITZKE, Maria Cristina Padilha. **O Malg e a comunidade estudantil da Ufpel: O museu como lugar de educação**. Monografia (Pós-graduação em Artes, Especialização em Patrimônio Cultural) UFPEL, Pelotas, 1999.

LONER, Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio. **Dicionário da História de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel [FAU – Fundação de Apoio Universitário], 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3735/1/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf>> Acesso em: 21 de setembro de 2019.

NEUTZLING, Simone Rassmussen. **O saber e o fazer: um olhar sobre o patrimônio: escaiolas em Pelotas**. Porto Alegre: Imagina Conteúdo Criativo, 2019.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; LEITZKE, Maria Cristina Padilha; BOHM, Mauro Fernando Normberg; MIRANDA, Wilson Marcelino. Roteiro cultural. In: **Revista Expressa Extensão**, Pelotas, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura/UFPEL – Gráfica Universitária. v.2, dez. 1997. p.12-17.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 9ªed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas: 1870-1931**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2014.